



FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Marcus Vinicius Aloisio Vieira
Regina Celia Marangoni Grein

A sociedade do ter: objetificação do homem na obra “Eles eram muitos cavalos”

São Paulo
2015

Marcus Vinicius Aloisio Vieira
Regina Celia Marangoni Grein

A sociedade do ter: objetificação do homem na obra “Eles eram muitos cavalos”

Trabalho apresentado ao corpo docente do 2º semestre do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo para composição de nota semestral.

São Paulo

2015

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise da obra “Eles eram muitos cavalos” de Luis Ruffato, focada no comportamento social contemporâneo do paulistano. Através de pesquisa com base em outros autores sobre as mudanças comportamentais dos indivíduos associando-as a revolução industrial que trouxe força aos comportamentos cotidianos atuais, gerando uma sociedade fragmentada. Com base nesse objeto de pesquisa utiliza-se as obras de Zigmund Bauman e Alcântara Machado em especial, entre outras fontes bibliográficas. À luz das obras citadas, veremos como o capitalismo que ganhou força no Brasil na década de 30 impulsiona e leva a coisificação do homem, e de como esse fenômeno da modernidade contemporânea se instalou na sociedade paulistana ao longo desses aproximadamente noventa e poucos anos. Portanto enxerga-se no texto de Ruffato uma descrição fiel do que muitos filósofos já previam com o capitalismo, uma sociedade fragmentada e que cada vez menos preocupa-se em interiorizar as necessidades de todos, cada vez menos está interessada em ser, e sim apenas em ter.

Palavras-chave: São Paulo. Luis Ruffato. Capitalismo. Comportamento. Contemporaneidade.

Resume

A review of the book "Eles eram muitos cavalos", by Luis Ruffato, focused on contemporary social behavior of São Paulo. Conducting a survey based on other authors on the behavioral changes associating the industrial revolution that brought strength to the current daily behavior, creating a fragmented society. Based on this research subject the works of Zigmund Bauman and Alcantara Machado are used in particular, among other literature sources. In light of the works cited, we see how capitalism that has gained strength in Brazil in the 30's leads to objectification of man, and how this phenomenon of contemporary modernity settled in São Paulo society over these approximately ninety-something years. Therefore, it can be seen in the text by Ruffato an accurate description of what many philosophers have predicted about capitalism, a fragmented society and that there are fewer worries about internalizing the needs of all, fewer and fewer are interested in being, but only having.

Keywords: São Paulo. Luis Ruffato. Capitalism. Behavior. Contemporaneity.

Sumário

1	Introdução	4
2	Contextualização	5
2.1	Contexto em Eles eram muitos cavalos	5
2.2	Contexto em Contos paulistanos.....	5
3	Relação entre as obras	6
4	A Segregação	11
5	Revolução industrial no Brasil e o início da coisificação do homem	11
5.1	O homem como objeto	5
6	Conclusão	11
	Referências	

1 Introdução

Com base na leitura de *Eles eram muitos cavalos*, pudemos verificar muitas críticas à sociedade atual e à forma como a sociedade se posiciona perante as relações interpessoais.

Buscamos compreender em sua narrativa esses aspectos, associando-os a outros autores que abordam esse tema, principalmente na cidade de São Paulo, e também em todas as grandes metrópoles.

Fazendo uma relação com a obra de Antônio de Alcântara Machado “*Contos Paulistanos*”, e sob a luz da obra de Zygmunt Bauman “*Modernidade Líquida*”, pretende-se estabelecer as relações das dificuldades, diversidades, mobilidade, solidariedade, relações sociais e econômicas no contexto da obra de cada autor, visando compreender a evolução das relações interpessoais na cidade de São Paulo, da década de 20 à atualidade.

A partir da análise das obras citadas, pretende-se explicar sobre a coisificação do homem, e de como esse fenômeno da modernidade contemporânea se instalou na sociedade paulistana ao longo desses aproximadamente noventa e poucos anos.

2 Contextualização

Ambos os autores partem do mesmo princípio, ou seja, cada qual com o seu modo de ver e observar a cidade, a retrata através de fragmentos da vida cotidiana dos paulistanos em épocas bastante distintas, no aspecto social, cultural e econômico.

2.1 São Paulo em “Eles eram muitos cavalos”

O texto de Rufatto apresenta, através de metáforas na narrativa, a cidade em sua diversidade e contradição, trazendo à tona a fragmentação humana nas grandes cidades contemporâneas. A observação de Rufatto está contextualizada mais especificamente na cidade de São Paulo e sua periferia.

Em “Eles eram muitos cavalos”, Rufatto nos traz a possibilidade de entrar nas sensações de cada personagem de cada fragmento apresentado. Ele retrata uma cidade em desequilíbrio social, nos apresenta as dificuldades, medos e anseios, o orgulho de um pai pelo seu filho, a esposa descontente com o marido e com a rotina de dificuldades, a mulher traída. O autor retrata a vida em pedaços de paulistanos numa cidade que vive o caos urbano, onde impera a violência, a miséria, o consumismo. Uma cidade de desconhecidos que se esbarram diariamente, no corre, corre, do trabalho a casa e vice versa.

A São Paulo na visão de Rufatto apresenta-se num contexto de total desvario, onde a diversidade racial, cultural e socioeconômica cria fatos vividos pelos paulistas anônimos que seguem quase sempre como se estivessem no piloto automático, e como se fossem máquinas cumprindo aquilo a que foram programados para cumprir.

A forma do texto que utiliza uma mistura de gêneros como narrativa, cabeçalhos, horóscopo, orações, classificados, cardápios, nos coloca diretamente na correria diária da cidade e de seus dramas cotidianos, levando o leitor a se colocar como um transeunte circulando pela São Paulo, em trens, metrô, ônibus, ruas e vielas, bairros periféricos, num dia qualquer.

2.2 São Paulo em “Contos Paulistanos”

A obra de Antônio de Alcântara Machado nos permite conhecer uma São Paulo um pouco diferente, mas que também tem seus dramas cotidianos. Interessado pela vida na cidade de São Paulo dos anos 20. O autor procurou retratar o espaço urbano, principalmente os bairros Barra Funda, Brás, Bexiga e Mooca.

Buscou com muita propriedade demonstrar o drama dos italianos instalados nestes bairros e penetra na intimidade dos seus personagens que formavam a então comunidade ítalo-paulista da época e viviam na periferia, nos bairros operários. Alcântara Machado traduz a simplicidade do cotidiano, da vida íntima e da luta pela integração social destas pessoas.

Voltado para a vida da sua cidade, Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana em um novo personagem: o imigrante. O enxerto que o estrangeiro, sobretudo o italiano, significava para o tronco luso-tupi da antiga São Paulo produzira mudanças de costumes, de reações psicológicas e, naturalmente, uma *fala* nova a espelhar novos conteúdos. (BOSI, 1994, p.374)

O texto apresenta uma linearidade, ou seja, tem começo, meio e fim. O autor utiliza ainda recursos como italianidade linguística e comportamental na construção dos personagens, o que por muitas vezes parece ter um tom crítico, mas que na verdade mostra um lado cômico do cotidiano dos ítalo-paulistas..

As duas primeiras décadas do século marcam o momento de maior intensidade da maneira de ser ítalo-brasileira. Antes, predominava o ítalo, o estrangeiro inseguro, preocupado em sobreviver, ignorante da língua e dos costumes. Depois, irá prevalecer, pouco a pouco, o brasileiro, o neto ou bisneto de italianos integrado na comunidade (...). É quando os filhos de imigrantes, confiantes em seus direitos de brasileiros natos, mais à vontade na língua que aprenderam no Grupo Escolar do que no dialeto ouvido em casa, se lançam à luta pela conquista de um lugar melhor na sociedade de adoção. (RICUPERO, 1993, pg.139)

É possível identificar que São Paulo já vivia o início do progresso metropolitano, quando o autor faz menção às máquinas que foram símbolo do progresso da década de 20 e que já chegava à expansão econômica, o crescimento populacional e a modernização urbana, que trouxe consigo não só o progresso, o crescimento populacional, mas a determinação destes filhos de italianos que começam a perceber e compreender seus direitos na luta por uma conquista de

espaço na sociedade da época é o início da transição de uma sociedade moderna sólida para uma sociedade moderna líquida, como afirma Bauman,

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

3 Relação entre as obras

Percebe-se estreita relação entre as obras na medida em que os autores vão narrando seus contos a partir da observação dos sujeitos paulistanos e de seus dilemas diários.

Na obra de Alcântara Machado, em dados momentos, verifica-se certa dificuldade de relacionamento entre os personagens até pelas dificuldades, de adaptação à nova língua, aos novos costumes, à nova terra, mas nem mesmo essas dificuldades fizeram com que os italianos desistissem. A vida da comunidade ítalo-paulistana de Alcântara Machado, em alguns momentos, aparece de forma cômica.

Ainda assim, com todos os problemas de adaptação, havia nas relações, quer sejam pessoais ou profissionais, pontos de referência e estabilidade que asseguravam um norteamento na construção do ser-indivíduo e moldavam as pessoas para o melhor, a razão e o progresso.

A cada conto lido descobre-se uma relação de afetividade, de respeito, de amizade, de fidelidade, de simplicidade, de solidariedade, de humildade muitas vezes. As pessoas da cidade se preocupavam umas com as outras, e de certa forma construía uma história coletiva.

Já a obra de Rufatto retrata uma São Paulo diferente, acelerada, que corre frenética na busca por identidade e que não deixa espaço para uma vida coletiva. É a “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman, que nos aponta o perfil de uma época de fluidez, ou seja, de incertezas, inseguranças e insatisfações. É a vida artificial e porque não dizer superficial, é como se tudo fosse uma questão de escolher a melhor opção, a melhor marca, o melhor curso, a melhor empresa, o melhor bairro.

Analisando sob a ótica de Zygmunt Bauman podemos dizer que “Contos paulistanos” trata-se da “modernidade sólida” e “Eles eram muitos cavalos” trata-se da “modernidade líquida”, onde valores como parentesco, laços e obrigações sociais que antes estavam embasados na tradição, na afetividade, na religião, no respeito tenham sido diluídos pelo progresso da vida moderna. Há na sociedade um distanciamento daqueles que de alguma forma divergem daquilo que se convencionou a aceitar como normal.

É sob esta ótica que analisamos as obras em questão neste capítulo, buscando identificar as mudanças ocorridas através destas décadas nas ações sociais diárias do povo da cidade de São Paulo e de como essas mudanças

culminaram com uma sociedade doente, que exclui, marginaliza, intimida e ridiculariza uma sociedade que vive em constante busca do ter, ter e ter, e nunca se importa com o ser, já que os indivíduos que a compõe estão imersos em si mesmos procurando uma razão para ser feliz.

4 A segregação

Assim, há uma “tendência que impele a procurar ilhas de semelhança e de igualdade no meio do mar da diversidade e da diferença” (Bauman, 2009, p. 40).

Os habitantes das grandes cidades já não mais colaboram entre si pela sobrevivência, ao contrário disputam freneticamente o espaço urbano e os direitos individuais. A violência, a rispidez, a arrogância e o egoísmo são a forma de diálogo da sociedade pós-moderna, numa desumanização crescente, que favorece ainda mais as diferenciações sociais e a segregação urbana, que aparta para as margens da sociedade os menos favorecidos, iletrados, desempregados, as minorias, ou seja, na sociedade atual há uma periferização ou marginalização de algumas pessoas ou grupos sociais por questões econômicas, culturais e até raciais no espaço urbano das cidades; é a intolerância. Um exemplo desse fenômeno pode ser observado na formação de favelas e habitações irregulares por todo o entorno da cidade de São Paulo, assim como em outras metrópoles.

[...] ter e apresentar em público coisas que portam a marca e/ou logo certos e foram obtidas na loja certa é basicamente uma questão de adquirir e manter a **posição social** que eles detêm ou a que aspiram. A posição social nada significa a menos que tenha sido socialmente **reconhecida** – ou seja, a menos que a pessoa em questão seja aprovada pelo tipo certo de “sociedade” (cada categoria de posição social tem seus próprios códigos jurídicos e seus próprios juizes) como um membro digno e legítimo – como “um de nós” (BAUMAN, 2009, p. 21).

Então se verifica que é mais fácil e menos incomodo separar, afastar aquilo que incomoda, do que procurar entender sob quais circunstâncias aquilo ocorre, e o que realmente seria possível fazer para mudar aquilo. É desta forma anônima que Rufatto observa a cidade, é como se nos quisesse dizer: venham vejam com os próprios olhos a segregação a que foram submetidos.

Queremos ser vistos, queremos que olhem a nossa feiúra, que sintam nosso bodum em toda parte; que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram [...] temos que feder e enojar como um monte de lixo no meio da rua. [...] Eles tiram a gente da rua e a gente volta. E se matarem algum de nós [...] a gente pega o corpo e exhibe a carcaça pelas ruas como fizeram com a cabeça do Lampião.(FONSECA. 1994, p. 623-624).

5 Revolução industrial no Brasil e o início da coisificação do homem

A revolução industrial teve início na Inglaterra por volta do século XVIII, porém só foi se iniciar no Brasil, no início da década de 20, adquirindo maior força na década de 30, o que vemos nitidamente na obra de Alcântara Machado.

O que muitos filósofos afirmam é que o capitalismo aplicado de acordo com os parâmetros trazidos pela revolução industrial faria com que as pessoas se tornassem cada vez mais individualistas.

Situação que podemos constatar com grande frequência na atualidade, principalmente nas grandes metrópoles, o que foi retratado de forma extremamente hábil pelo autor de “Eles eram muitos cavalos”, a forma como ele constrói a narrativa do seu livro mostra como somos superficiais nas relações interpessoais e como nos tornamos cada vez mais individualistas e apáticos.

Assim como descrito por Durkheim o capitalismo trouxe com ele a divisão do trabalho, onde cada indivíduo era limitado no serviço em que exercia, pois para a indústria quanto mais específico o trabalho de um indivíduo mais fácil será sua substituição e para o indivíduo, quanto mais especializado ele for mais insubstituível ele se torna.

A partir disso inicia-se o grande problema da sociedade e o grande paradigma social: é possível viver em sociedade tendo como pressuposto a ideia de indivíduo?

Na obra objeto deste estudo vemos uma superficialidade na vivência em grupo, a qual só existe por uma necessidade de estar incluso em um círculo social. Porém não encontramos uma internalização desse conceito de cidadania nos indivíduos, nem mesmo um auto reconhecimento de seu papel como indivíduo sem que esteja associado as suas necessidades capitalistas.

É inegável que os planos mais importantes do nosso ser nos são pouco conhecidos. Temos consciência apenas parcial de quem somos. Não sabemos exatamente por que somos o que somos. A parca intimidade com as forças que nos agitam e com os vazios que nos paralisam nos faz estranhos a nós mesmos. O espetáculo do mundo tanto nos distrai que esquecemos de nos dar vida interior. (OLIVA. 2000, p. 13)

Analisando a obra de Rufatto e a forma como as relações interpessoais ocorrem nas grandes metrópoles vemos um distanciamento cada vez maior entre as

pessoas e a forma como os indivíduos se relacionam. Esses aspectos são nítidos em alguns contos, assim como na forma como o texto foi construído.

Um dos contos nos quais notamos a superficialidade das relações interpessoais é o conto: “Nós poderíamos ter sido grandes amigos.” Pessoas que aparentemente teriam muito em comum, que poderiam compartilhar experiências interessantes e enriquecedoras, ou até mesmo dividir os pesares da vida, nunca se deram essa chance, pois apenas trocavam cumprimentos dentro do elevador e nunca se preocuparam em conhecer a fundo um ao outro; a superficialidade bastava.

Mas nós não nos conhecíamos. Nos vimos algumas vezes no elevador de serviço, a caminho da garagem do prédio, uma ou outra vez na piscina, ele lendo a *Veja*, eu nadando com a Joana e o Afonsinho. Hoje soube que ele não vai mais voltar para casa. Ele foi vítima de um sequestro-relâmpago. Os bandidos pegaram ele, parece, na avenida República do Líbano, roubaram os documentos, cheques, cartões de débito e de crédito. Depois, numa quebrada escura lá para os lados da represa de Guarapiranga, puseram ele de joelhos, deram um tiro na nuca. O corpo foi encontrado hoje de manhã. O carro ainda não. (RUFFATO. 2013, p.

O autor nos deixa livres para que possamos passear pela leitura nos colocando como um personagem, passando e observando cada uma das histórias como fazemos diariamente na cidade de São Paulo.

Diante desta constatação pela interpretação da obra, percebemos que diariamente, muito embora todos sejam espectadores desse cotidiano paulista, não percebem que por muitas vezes, alguns dos personagens reais dessas histórias cotidianas necessitam de atenção, porém simplesmente não sabem nem seus nomes.

5.1 O ser humano como objeto

O movimento capitalista passou a tratar o ser humano como um meio para se chegar a um fim, sem se preocupar com o fato de que além de o indivíduo ser uma forma de se obter êxito em um trabalho, ele também é alguém que merece ser compreendido, o que podemos observar em dois momentos do livro.

O primeiro momento em que podemos ver esse aspecto é no conto: O que quer uma mulher. Seu marido no café da manhã tem um nítido desinteresse pelas necessidades de sua esposa, apenas preocupa-se com seus estudos e suas

melhorias no campo em que atua, tem a esposa como uma simples ferramenta de uma necessidade social e para que tenha alguém que cumpra o papel designado pela sociedade.

O segundo momento é no conto: Táxi. O taxista conta sua vida inteira para seu passageiro em uma tentativa aparentemente frustrada de criar esse vínculo mas em nenhum momento há um interesse real do passageiro em realmente conhecer o condutor do veículo que tem por objetivo levá-lo ao ponto de chegada, o motorista, nada mais é do que um meio para alcançar seu objetivo.

Assim, podemos averiguar que os indivíduos se enxergam e se deixam enxergar, cada vez mais como objetos, tendo em vista todas as oportunidades que a modernidade proporciona, passamos a analisar tudo sem buscar uma conclusão para nada, assim como descrito por Melosik e Szkudlarek e discutido por Bauman:

[...] viver em meio a chances aparentemente infinitas (ou pelo menos em meio a maior número de chances do que seria razoável experimentar) tem o gosto doce da “liberdade de tornar-se qualquer um”. Porém essa doçura tem uma cica amarga porque, enquanto o “tornar-se” sugere que nada está acabado e temos tudo pela frente, a condição de “ser alguém”, que o tornar-se deve assegurar, anuncia o apito final do árbitro, indicando o fim do jogo: “Você não está mais livre quando chega o final; você não é você, mesmo que tenha se tornado alguém”. Estar inacabado, incompleto e subdeterminado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz um prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto. (BAUMAN. 2009, p. 74.)

Essas possibilidades infindáveis que a modernidade nos oferece nos torna ainda mais superficiais tanto quanto a nós mesmos, quanto as nossas relações interpessoais, a busca em adquirir cada vez mais conhecimento técnico sobre tudo, nos tornou superficiais perante nossa personalidade.

“Por saber com maestria tantas coisas fazer, dominando técnicas rústicas ou tecnologias avançadas, o homem vai se desinteressando pela decifração dos porquês.” (OLIVA. 2000, p. 14.).

Para a sociedade moderna o objetivo é o ponto de partida, depois pensa-se no como chegar a ele, não existe mais o pensamento dedutivo, no qual se desenvolvem as questões para que no fim entenda-se a que ponto deve-se chegar.

Não nos indagamos mais sobre o porquê de estarmos vivendo dessa forma, não há mais uma preocupação em decifrar as necessidades intrínsecas em nós para que possamos compreender a sociedade como um todo e nos compreender como indivíduos integrados a ela.

Poucas pessoas se dão conta de que fazer o próximo feliz é fundamental para a própria felicidade. É sempre mais fácil cultivar o amor abstrato ao longínquo – à humanidade, à classe trabalhadora, ao país – que empenhar-se em atravessar os abismos que nascem dos relacionamentos cara a cara. É cômodo produzir a retórica da felicidade coletiva, da redenção da humanidade, vivendo às turras com familiares e colegas de trabalho. Como diria Aristóteles, o todo não será feliz se cada indivíduo não o for. Por isso, o fato de se perceber que a felicidade tem uma dimensão coletiva irreduzível não deve servir de álibi para as costumeiras desconsiderações às individualidades. O desafio maior continua sendo o de se chegar a formas de interação que expressem a força comunitária do agir humano sem deixar de estimular ao máximo a manifestação das singularidades individuais. (OLIVA. 2000, p. 27.)

6 Conclusão

Podemos concluir que a sociedade representada na obra de Luiz Rufato é uma sociedade que surgiu embrionariamente nos idos dos anos 20 com a modernização das indústrias e a necessidade de aperfeiçoamento dos operários da época. Esta sociedade doente, individualista, uma sociedade líquida, do consumo exacerbado, do poderio de alguns em detrimento de muitos, tão bem relatada por Rufatto, já começava a se apresentar na fala de Alcântara Machado.

Veio crescendo a cidade, o progresso chegando e com ele as mutilações sociais, a segregação, a deformação nas relações humanas.

O autor traz de volta na prática de um texto narrativo, fictício, questões que já foram abordadas anteriormente por vários filósofos que já previam uma humanidade caminhando para os aspectos descritos por Ruffato.

Assim pode-se compreender quão manipulados estamos, diante da mídia, diante do Estado, diante do capitalismo, do poder, do ter, quando poderíamos apenas ser.

Referências

ARRUDA, Patrícia Cabral de. Cidades Líquidas por Patrícia Cabral de Arruda. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 469-476, maio/ago. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRENER, Fernanda Machado. A representação da cidade nos contos de Rubem Fonseca. In: **Celli –colóquio de estudos linguísticos e literários**. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 364-371. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a10v23n2.pdf>> Acesso: 10/10/2015.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FONSECA, Rubens. **Contos Reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.623-624.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Contos Paulistanos**. São Paulo: UNESP, 2012.

OLIVA, Alberto. **A solidão da cidadania**. São Paulo: SENAC, 2000.

RICUPERO, Rubens. Alcântara Machado: testemunha da imigração. In: __ Revista **Estudos Avançados**, n.18, maio/agosto 1993. p. 139.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.